

Singularidade feminina

Maria Rubya Perusso¹

“liberté, égalité, fraternité” - slogan da Revolução Francesa.

Mas revolução para quem?

Liberdade e igualdade para quem?

Mulheres que lutaram tanto intelectualmente quanto ativamente, mesmo após a revolução, continuaram não tendo liberdade, continuaram não tendo igualdade em relação ao “primeiro sexo”.

Iluminismo foi praticamente para o homem. A Revolução foi para o homem

- Declaração dos Direitos do Homem e Cidadão.

Mulheres ainda estiveram na escuridão.

Submissas, caladas, sem direito algum.

Mulheres sendo apenas uma singularidade da espécie humana.

Mulheres não sendo mulheres, mas sim um não-homem.

Já dizia Rousseau: “Mulheres foram criadas para agradar o homem”.

E como Simone de Beauvoir afirmou, “não se nasce mulher, torna-se”.

Torna-se mulher para os homens.

Para o patriarcado.

Para a história deles.

Para agradar a eles.

Mulheres nunca tiveram suas histórias contadas por elas.

Nunca foram livres para se criarem por si mesmas.

¹ Acadêmica do Colégio de Aplicação / COLUNI da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: maria.perusso@ufv.br

E acredito que isso explica como que a existência precede a essência.

No entanto, mulheres não transcendem para o próprio âmago.

Apenas permanecem naquilo que a tornaram a ser.

E eu como mulher,

numa sociedade machista e patriarcal,

procuro me encontrar, procuro me transcender.

Mesmo que haja freuds que explicarão o complexo de inferioridade das mulheres.

Mesmo que haja engels com seus monismo econômicos.

Mesmo que haja rousseaus determinando o que a mulher deve ou não fazer.

E mesmo que ainda tentem me calar, serei resistência.

Para que um dia não precise ser feminista.

Para que um dia a existência preceda a essência para as mulheres.